


RACISMO NO FUTEBOL: CONTRADIÇÕES E POSSIBILIDADES A PARTIR DA REGÊNCIA NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

 <https://doi.org/10.56238/arev6n3-214>

Data de submissão: 16/10/2024

Data de publicação: 16/11/2024

Pedro Henrique Ferreira de Melo

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino e Formação de Professores pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL Campus Arapiraca
E-mail: pedro.melo@arapiraca.ufal.br

RESUMO

O presente resumo expõe o racismo no futebol de forma discriminatória, tendo suas implicações em práticas conscientes ou inconscientes (Almeida, 2019). O tema foi abordado na formação dos discentes através das aulas de Educação Física (EF), no Programa Residência Pedagógica (PRP), da Universidade Federal de Alagoas – Campus Arapiraca, na Escola-Campo Aurino Maciel, da rede estadual, no município de Arapiraca-AL. Objetivo geral: trabalhar o racismo no futebol, tendo em vista, a superação das discriminações raciais no âmbito social. Objetivos específicos: combater as diferentes formas de preconceitos existentes nas práticas de futebol; Identificar os estereótipos e posicionar-se criticamente frente a condutas preconceituosas; respeitar a diversidade de gênero, etnia, dentre outras. Metodologia: abordagem da EF Crítico-Superadora (Coletivo de Autores, 2012) e método da práxis social da Pedagogia Histórico-Crítica (Saviani, 2021). Tendo a prática social como ponto de partida e de chegada, partindo da prática cotidiana e instrumentalizando os(as) estudantes, perspectivando a catarse (incorporação dos elementos constitutivos da prática desportiva). Atividades desenvolvidas: seminários, estudo dirigido, trabalhos individuais e em grupos, e aulas práticas com simulações de atos racistas. Conclusões: o racismo foi e ainda é muito presente em nossa sociedade, e isto se torna contraditório por conta das medidas existentes para criminalizar essa conduta. As pessoas ainda insistem em cometer o ato de discriminação racial, por meios de gestos com os atletas. Por fim, concluímos que o futebol foi desenvolvido dentro de um contexto histórico, marcado pelo preconceito racial.

Palavras-chave: Educação Física Escolar, Futebol, Racismo, Programa Residência Pedagógica.

1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a violência como um grave problema de saúde pública e uma violação dos direitos humanos, caracterizando-se como um fenômeno complexo, influenciado por fatores sociais, ambientais culturais, econômicos e políticos. A violência pode ser caracterizada pelo uso intencional de força física ou poder, real ou em ameaça contra si próprio, contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (OMS, 2002).

O presente trabalho partiu da necessidade de estudar o racismo no cenário atual do futebol e, conseqüentemente, conscientizar os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais da Escola Estadual Aurino Maciel, por meio de ações multidisciplinares no Programa Residência Pedagógica (PRP) em prol de uma Educação Física Escolar crítica, revolucionária e emancipadora. Teorizar sobre o racismo no futebol brasileiro não é uma tarefa fácil, pois a cultura brasileira teve forte influência escravocrata, manifestada, dentre outros setores, através de uma mídia racista, em que muitas pessoas, inclusive pessoas negras, estão convencidas de que suas vidas não são experiências complexas e, portanto, não merecem reflexões.

Mas para falar do racismo no futebol precisamos entender que o futebol é uma modalidade nascida no século XIX, ganhou rapidamente o interesse de diversos continentes, tornando-se, no século XX, a paixão mundial. Contudo, sabemos que esse início se deu a partir das relações elitistas da época. No Brasil, o futebol chegou em um contexto turbulento após o período escravocrata. Para Almeida (2019), o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes. Antes de adentrar-se ao tema proposto é necessário apresentar as concepções de racismo, para que seja possível compreender como estão presentes em nossa sociedade.

O autor vem destacar três concepções de racismo: Individualismo, institucional e estrutural. A concepção individualista, é a concepção mais escancarada na sociedade e, por conseguinte, mais fácil de enxergarmos, pois não haveria sociedades ou instituições racistas, mas indivíduos racistas, que agem isoladamente ou em grupo, ou seja, é uma expressão muito nítida do racismo que é apresentado em nossas vidas, e não é somente sobre indivíduos, mas diz também sobre grupos. Na concepção institucional, o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como o resultado do funcionamento das instituições. No caso do racismo institucional, o domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo no poder as instituições brasileiras, empresas públicas e privadas, são lideradas

por homens brancos, a imposição de regras e padrões racistas que dificultam a participação de negros nessas instituições.

Na concepção estrutural, as instituições são racistas porque a sociedade é racista. O racismo está presente na estrutura social e é algo que não é criado pela instituição, mas é reproduzido por ela. O racismo não é algo anormal, é algo normal no sentido que não devemos aceitar, mas que independentemente de a gente aceitar ou não, ele constitui as relações no seu padrão de normalidade, e que o racismo não só constitui as ações conscientes, mas também as ações inconscientes.

Consciente de que o racismo é parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo. A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas. É importante compreender que o racismo institucional e o estrutural, são concepções diferentes. O Racismo institucional está dentro das instituições, o estrutural são ações individuais de uma sociedade racista, onde o preconceito a pessoas negras é uma regra.

Neste sentido, é preciso conscientizar e relutar pelo extinção do racismo não só no Futebol, mas principalmente nas aulas de Educação Física. E por meio disto, este trabalho ver “o esporte, como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, se projeta numa dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica” (Coletivo de Autores, 2012, pp.69-70). Em outras palavras, precisamos superar no âmbito escolar a visão de rendimento e exclusão que caracteriza a prática esportiva, isto é, o Esporte deve ser tratado como produção histórico-cultural, subordinando-se aos códigos e significados que garantem sua essência desportiva, incluindo os elementos técnicos-táticos, midiáticos e de espetáculo.

Nossa base fundamenta-se na Pedagogia Histórico-Crítica da Educação e na Abordagem Crítico-Superadora da Educação Física, tendo como objetivo geral: trabalhar o racismo no futebol, tendo em vista, a superação das discriminações raciais no âmbito social. Nos objetivos específicos: combater as diferentes formas de preconceitos existentes nas práticas de futebol; identificar os estereótipos e posicionar-se criticamente frente a condutas preconceituosas; respeitar a diversidade de gênero, etnia, dentre outras.

2 O FUTEBOL COMO INSTRUMENTO DE COMBATE AO RACISMO

Nessa proposta de combate ao racismo precisamos compreender o Esporte como fenômeno social, histórico e cultural, sendo tratado como elemento da Cultura Corporal, em especial, o Futebol, fazendo adaptações necessárias a comunidade escolar que o pratica, cria e recria (Coletivo de Autores, 2012). No que abrange o contexto sócio-histórico-cultural do esporte moderno no que diz respeito às suas práticas corporais, é necessário entendermos o que Assis de Oliveira (2001, p. 71) vem frisar que “[...] para retrair a gênese do esporte não interessa uma definição e sim uma compreensão explicativa, um enredo capaz de dizer, não só o que é, mas como foi, como está e o que pode vir a ser”.

O mesmo destaca duas abordagens/pressupostos que são cruciais para compreendermos a essência do esporte moderno, sendo elas: abordagem historiográfica e sociológica. Na primeira, busca-se a origem das práticas corporais, isto é, através de uma perspectiva linear trazer o resgate histórico; já na segunda, explica o âmbito esportivo por meio de fenômenos culturais, filosóficos e sociais. É notório salientar que para assimilarmos as origens do esporte moderno a partir de sua explicação, temos que identificar duas advertências, “[...] não se deve considerá-lo como resultado de um processo linear de desenvolvimento, tampouco como uma instituição completamente autônoma.” (Assis de Oliveira, 2001, p.73). Assim, para explicar como se iniciou o esporte moderno devemos fazer o resgate das sociedades anteriores, nas quais destacamos o período da Antiguidade Greco-Romano, onde a prática esportiva era voltada para os guerreiros, oferendas e tributos aos deuses, e agradecimento pelo ápice agrícola; na Idade Média, o “poder” era dado à nobreza, ao senhor feudal, e a Igreja, enquanto que os camponeses quantos os escravos ficavam a margem da exclusão da vivência das práticas corporais.

No mundo contemporâneo, com o acontecimento da Revolução Industrial na Inglaterra do século XVIII surgiu o “esporte moderno”, em que a educação física e o esporte passaram a ser vistos como sinônimo de saúde, ou seja, devido ao excesso de horas de trabalho quanto à exaustão de trabalhadores nas fábricas, era necessário que os indivíduos possuíssem corpos saudáveis, fortes, disciplinados para aguentarem a longa e intensa jornada de trabalho. Consoante o autor vemos que:

[...] Segundo Bracht (1997b), nas sociedades tradicionais as práticas corporais estão embutidas em instituições como a religiosa e a militar, enquanto, na sociedade moderna, o esporte constitui uma nova instituição, autonomizando-se em relação àquelas. Autonomia que também pode ser entendida de forma relativa, dada a interdependência com diversas outras instituições (Assis de Oliveira, 2001, pp.74-75).

Com isso, são formadas duas classes sociais: de um lado a “classe burguesa” e do outro a “classe trabalhadora”, porém, devido à “falta de tempo”, as práticas corporais eram vivenciadas unicamente pela classe dominante, neste caso, a burguesia. Desta maneira, Assis de Oliveira (2001, p. 76) afirma que:

[...] a gênese do esporte na Inglaterra do século XVIII é parte de um impulso muito pronunciado de pacificação, assumindo o esporte um caráter de complementaridade. Ou seja, Elias explica o surgimento do esporte como integrante do processo de autopacificação em curso na Inglaterra, no qual a estabilidade do governo parlamentar, diferentemente de outros países da Europa, é um dos maiores exemplos. [...].

Deste modo, Assis de Oliveira (2001) aponta para duas ideologias políticas: o “Higienismo” e “Eugenismo”, o primeiro, tem a finalidade de manter, cuidar e prevenir o corpo de doenças; o segundo, objetivo de elitizar uma classe enquanto “raça superior”, neste caso, a sociedade burguesa. Por conta disso, houve uma resistência por parte da classe trabalhadora que passou a reivindicar seus direitos de vivenciar as práticas corporais de esporte. Outro fator é que:

O esporte no que diz respeito às ocupações de lazer foi criado, diferentemente das rotinas públicas ou privadas, que exigem das pessoas um perfeito domínio dos seus estados de espírito. Sendo assim, Elias considera que o esporte é uma luta num quadro imaginário e argumenta que a sua função, partilhada com outras ocupações de lazer, é ‘controlar uma agradável ausência de controle de sentimentos’ (1992a, p. 81). [...] (Assis de Oliveira, 2001, p.80).

A partir disso, intensificou-se a luta da “classe trabalhadora” perante a “classe burguesa”, a qual o autor vem enfatizar a disputa entre amadorismo x profissionalismo, em que a classe dominante não queria perder o poder hegemônico do esporte, pois, o profissionalismo do esporte é visto como ascensão social para a classe menos favorecida. Como o esporte é sustentado e regido pelo sistema econômico, o capitalismo, podemos dizer que:

[...] a tônica dos discursos contra o profissionalismo, a disputa amador x profissional configura-se como consequência da luta pelo acesso e pela prática de esportes, com desdobramentos nas disputas esportivas. [...] a burguesia e a aristocracia querem guardar o esporte apenas para si e a noção de amador serve para este fim, pois apenas os ricos podem dispor de tempo livre para se dedicar à atividade esportiva. [...] (Assis de Oliveira, 2001, p.85).

Com isso, detectamos três pilares do esporte, tais como: a crescente competitividade, a seriedade no modo de envolvimento, e a orientação para os resultados. Portanto, como o esporte está vinculado ao modelo socioeconômico, vemos que o Estado atua de forma significativa e ativa nessa administração, em que “[...] as organizações esportivas passam a cumprir funções públicas, nas quais o Estado tem interesses e suas relações com ele parecem ser extremamente estáveis, diferentemente do que ocorre com o setor da economia. [...]” (Assis de Oliveira, 2001, p.89).

Entretanto, o autor vem abarcar e questionar três concepções para que possamos entender o esporte numa dimensão mais crítica e sistemática, sendo elas: otimismo ingênuo; pessimismo ingênuo; e otimismo crítico. Essa constatação parte da relação entre sociedade e escola, aonde o mesmo vem criticar o otimismo ingênuo e o pessimismo ingênuo. No otimismo ingênuo, escola e sociedade estão separadas, a qual a escola vai agir de forma “salvadora” e mudar os problemas sociais; o pessimismo

ingênuo é o contrário, a sociedade vai atuar/transformar a escola; porém, o otimismo crítico é trazido por Assis de Oliveira (2001) da seguinte maneira, escola e sociedade terá uma relação a partir da dialética do concreto e do real, onde essa ligação se dará através dos conflitos da realidade e das possibilidades de mudanças.

Percebe-se que o Futebol enquanto integrante do Esporte foi desenvolvido numa esfera, competitiva, excludente, racista, preconceituosa e antidemocrática. Então nossa proposta é trabalhar numa proposta do Esporte da Escola deve englobar programas de jogos regras implícitas, institucionalizadas por regras específicas, onde os aspectos técnicos funcionem como algo primordial, mas como ele determinado para o desenvolvimento das práticas desportivas.

3 METODOLOGIA

O método parte de aproximações ao Materialismo Histórico-Dialético que consoante Andery *et al.* (2012) possibilita uma visão crítica para a compreensão do objeto em estudo. A interpretação do objeto pautou-se na Abordagem Pedagógica da Educação Física Crítico-Superadora e da Pedagogia Histórico-Crítica, isto é, nos valendo do método didático da práxis social, considerando a prática cotidiana como ponto de partida. Este método tem cinco momentos, a saber: prática social, problematização, instrumentalização, catarse e retorno à prática social. A prática social é o ponto de partida e o ponto de chegada; a problematização parte das dificuldades que são evidenciadas nas aulas; a instrumentalização está ligada aos instrumentos teóricos e práticos que buscam resolver as problemáticas encontradas nas aulas de Educação Física; a catarse parte da criatividade, onde se efetiva a incorporação dos instrumentos culturais em elementos ativos de transformação social, e por fim, o retorno à prática social que é constituída pela construção do conhecimento sintetizado sobre a realidade (Saviani, 2021).

Sendo assim, a metodologia na perspectiva Crítico-Superadora implica:

[...] um processo que acentue, na dinâmica da sala de aula, a intenção prática do aluno para apreender a realidade. Por isso, entendemos a aula como um espaço intencionalmente organizado para possibilitar a direção da apreensão, pelo aluno, do conhecimento específico da Educação Física e dos diversos aspectos das suas práticas na realidade social (Coletivo de Autores, 2012, p.86).

Para o Coletivo de Autores (2012, p.86), a aula “[...] aproxima o aluno da percepção da totalidade das suas atividades, uma vez que lhe permite articular uma ação (o que faz), com o pensamento sobre ela (o que pensa) e com o sentido que dela tem (o que sente)”. Segundo Coletivo de Autores (2012, p.86), em relação à metodologia de ensino, tem-se as seguintes orientações:

[...] implica num processo que acentue, na dinâmica da sala de aula, a intenção prática do aluno para compreender a realidade. Por isso, entendemos a aula como um espaço intencionalmente organizado para possibilitar a direção da apreensão, pelo aluno, do conhecimento específico da Educação Física e dos diversos aspectos das suas práticas na realidade social.

Neste sentido, a aula deve fazer com que o aluno analise todas as atividades que lhe são propostas, possibilitando dessa forma, uma interação onde ele adquira a capacidade de articular uma ação, demonstrando o que pensa e qual sentido que ela apresenta. As aulas devem ser organizadas considerando a realidade do aluno, para que seja possível uma maior assimilação de conhecimentos, onde o aluno poderá interagir melhor na aula, a partir da seleção dos conteúdos e do desenvolvimento da aula, podendo confrontar sua realidade imediata com a realidade histórica atual.

Assim, ao surgir situações de conflito ou até mesmo debate de um dado tema, o aluno terá mais segurança para expressar seu conhecimento adquirido para solucionar a situação problema que lhe é apresentada. Baseando-se na realidade escolar, a Educação Física, através da cultura corporal, poderá fazer um resgate da cultura local da comunidade onde a escola está localizada, garantindo assim que os conteúdos da cultura corporal não sejam esquecidos e sejam transmitidos para novas gerações.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Em combate ao racismo no Esporte fizemos as aulas em forma de estudo dirigido com os seguintes temas: contextualização do esporte e a inserção do racismo no Futebol; a inserção do negro na sociedade; atos racistas na Copa de 1950; Vasco da Gama, clube do povo, mais conhecido como os camisas negras; casos de racismo com jogadores brasileiros; e os impactos do racismo na vida dos jogadores de futebol.

4.1 A INSERÇÃO DO NEGRO NA SOCIEDADE

No final do século XIX com a abolição da escravidão em 1888, os negros passaram a ser isolados pela sociedade, visto que os imigrantes recém chegados que fazendeiros dispunham de mais condições na sociedade, tendo maior possibilidade de mobilidade social. Com o advento da industrialização, houve um processo de marginalização da população negra, que, se mantinha intacta aos padrões culturais oriundos da sociedade escravista, sendo julgados como inferiores em relação aos brancos.

4.2 FINAL DA COPA DO MUNDO DE 1950

Durante a final da Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil, no estádio do Maracanã, estava sendo realizado a final entre a seleção do Brasil e Uruguai, o público presente naquele dia não esperava

o que viria acontecer após o apito final, uma partida que era favorável para a seleção brasileira mudou o destino após dois jogadores da seleção uruguaia (Ghiggia e Schiaffino) empatar e virar a partida nos minutos finais do segundo tempo em pleno Maracanã lotado. Após a virada da seleção do Uruguai em cima do Brasil, o público brasileiro presente naquele dia mudou o seu comportamento e passaram a xingar o goleiro da seleção brasileira (Moacyr Barbosa Nascimento) por ele ter tomado os gols que resultou na vitória e título da seleção do Uruguai, várias críticas foram ouvidas no estádio, com gritos racistas por parte da torcida brasileira com o goleiro da seleção, esses xingamentos eram racistas, porque Barbosa era um jogador negro.

4.3 VASCO DA GAMA E A INCLUSÃO DE JOGADORES NEGROS

Nos anos de 1923, com a conquista do bicampeonato estadual do Rio de Janeiro, o Clube de Regatas Vasco da Gama, um dos maiores do estado do Rio de Janeiro, recebeu diversas críticas dos clubes rivais, os clubes alegavam que o Vasco da Gama não poderia participar da competição por motivos racistas, de que o clube tinha jogadores negros e pobres. O clube foi contra esse ato de discriminação racial, a entidade não permitiu acesso ao clube alegando que não tinha estádio próprio, mas o motivo era que o clube excluísse seus jogadores negros. “O Vasco escreveu uma carta, datada de 7 de abril de 1924, negando a proposta. Um marco contra a discriminação racial e social no Brasil, a chamada “Resposta histórica” encontra-se, em uma réplica, na sala de troféus do time. É considerada a “Lei Áurea do futebol brasileiro”, pois, em 1925, o Vasco foi admitido na associação, mantendo sua dignidade.” (Nascimento; Veras, 2022). O Clube passou alguns anos sem participar da competição, anos depois que voltou a disputar a primeira divisão do campeonato estadual do Rio de Janeiro. Os outros clubes (Flamengo, Botafogo, Fluminense e outros clubes) não aceitavam que um time formado por jogadores negros e pobres poderia ter um desempenho melhor do que um clube formado por jogadores brancos, com isso era difícil aceitar o time do Vasco da Gama disputando o campeonato carioca.

4.4 CASOS DE RACISMO COM JOGADORES BRASILEIROS

Atualmente os casos de racismo com jogadores dentro das quatro linhas de campo tem aumentado, casos com jogadores brasileiros têm chamado atenção na mídia nacional e internacional. Um caso aconteceu com o jogador brasileiro Paulo César Tinga, mas conhecido pelo nome de “Tinga”, o jogador defendia o clube do Cruzeiro quando esse caso aconteceu, era um jogo válido pela Copa Libertadores América, o torneio mais importante da América do Sul, era uma quarta-feira à noite, dia 12 de Fevereiro de 2014, o time brasileiro jogava com o time Peruano, Real Garcilaso, hoje

conhecido pelo o nome de *Cusco Fútbol Club*, o Cruzeiro abriu o placar e o time mandante da partida virou o jogo, o meia Tinga entrou no segundo tempo substituindo o atacante Dagoberto, as manifestações racistas iniciaram quando o jogador Tinga tocava na bola, a torcida do time da casa faziam gestos imitando um macaco, no dia seguinte sites de comunicação relataram o acontecido com o jogador brasileiro e repercutiu na mídia. No final do dia 12 de fevereiro e ao longo de todo o dia 13 do mesmo mês, foram produzidas mais 33 matérias, totalizando 35 publicações nas primeiras 24 horas após a partida. Foram coletadas 19 matérias no UOL Esporte e 16 no GloboEsporte.com, todas repercutindo as manifestações racistas de alguma maneira (Diuana, 2016).

Outro episódio de racismo com jogador brasileiro chamou a atenção dos sites de notícias internacionais, o caso aconteceu com o jogador Daniel Alves, lateral da seleção brasileira e de passagens por grandes clubes de futebol, esse caso foi durante uma partida pelo Campeonato Espanhol, quando o atleta brasileiro defendia o Barcelona, era um jogo entre Villarreal e Barcelona, no dia 27 de abril de 2014. O momento do ato de racismo foi quando o lateral-direito do Barcelona foi cobrar o escanteio, um torcedor do time mandante arremessou uma banana para o jogador, a fruta caiu ao lado, o jogador Daniel Alves simplesmente foi até a direção da banana, descascou e comeu. Outros espectadores que estavam no estádio aplaudiram a atitude do jogador.

4.5 OS IMPACTOS DO RACISMO NA VIDA DOS JOGADORES DE FUTEBOL

O racismo é um problema cultural e social que é herdado desde a escravidão, onde os negros já passavam por diversas situações de sofrimento físico e psicológico, assim como as barreiras impostas pela sociedade no período pós escravidão. Analisar os impactos causados por essa cultura racista que se instalou no futebol e se eles afetam a subjetividade dos negros parece ser uma necessidade da atualidade.

O futebol é e sempre foi, um espelho no qual estão refletidas as formas pelas quais as relações sociais se estabelecem, ou seja, ele é um fator social e não se resume a uma prática de lazer ou entretenimento. Para muitos, o futebol profissional é um objetivo, um “sonho” a ser alcançado, para mudar de vida, porém, por mais que esse jogador negro alcance o sucesso profissional no futebol, não vemos uma trajetória favorável, ao longo dos anos, no que diz respeito à democracia social no futebol. Pelo contrário, temos visto sucessivos ataques de racismo contra jogadores negros. E isso não se resume apenas entre as torcidas, mas também dentro do campo, entre os jogadores, assim como na questão institucional. Constatar que o racismo está presente no futebol é simples, basta olhar para os clubes de futebol existentes. O número de dirigentes e técnicos, juízes de futebol negros é muito pouco. Ou seja, ainda se arrasta a ideia de superioridade do branco em relação ao negro, e isso fica claro

quando assistimos uma partida de futebol. De fato, é uma herança da cultura elitista da escravidão sentida nos dias atuais.

Um fato marcante dentre os muitos que já ocorreram, foi o do camaronês Samuel Eto'o, em 2006, onde o mesmo ameaçou deixar o campo sob o som de imitações e a palavra macaco. Então, fica muito claro o quanto o racismo é agressivo e o quanto isso afeta a subjetividade do jogador de futebol negro. Vejamos, isso ocorreu em 2006, há quase vinte anos, e continua na mesma. Não vemos uma repressão eficaz para esse problema grave da sociedade atual.

Figuras: Exposição do trabalho “Racismo no Futebol”.



Após os temas abordados em aula, tomamos como ponto de partida o Racismo no Futebol no mundo, na sociedade e na nossa realidade, a Escola Estadual Aurino Maciel. E desta maneira, constatamos em cima do que foi discutido na literatura científica e as experiências vivenciadas no dia-dia de cada integrante da turma trabalhada ficou mais que evidente que o racismo é algo estrutural e

que é Políticas Públicas de inclusão, igualdade e diversidade, como também é necessário leis severas que punam com rigor os infratores. Nos relatos individuais dos alunos, documentários, literatura científica fica claro a questão da eugenia, que é o domínio étnico da classe branca sobre as demais raças, seja indígena e/ou negra. O racismo não escolhe questão financeira, pois na sociedade brasileira, o escravismo é muito presente até os dias atuais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos analisados, observamos que o racismo no futebol é um fenômeno que se manifesta ao longo da história, demonstrando que esse ato é recorrente nos gramados, mostrando que a discriminação ainda é presente, que as tentativas das autoridades, ainda estão sendo inadequadas. Portanto, o racismo foi e ainda é muito presente em nossa sociedade, e isto se torna contraditório por conta das medidas existentes para criminalizar essa conduta. As pessoas ainda insistem em cometer o ato de discriminação racial, por meios de gestos com os atletas. Por fim, concluímos que o futebol foi desenvolvido dentro de um contexto histórico, marcado pelo preconceito racial.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. de. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p.
- ASSIS DE OLIVEIRA, S. Rolando a Bola... Realidades e Possibilidades do Esporte. In: ASSIS DE OLIVEIRA, S. A Reinvenção do Esporte: Possibilidades da Prática Pedagógica. Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001. – (Coleção Educação Física e Esporte), pp. 71-194.
- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino da Educação Física. 2ª ed. São Paulo, SP: Cortez, 2012.
- DIUANA, F. A. Racismo e Futebol em 2014: a cobertura dos portais UOL Esporte e GloboEsporte.com. Orientador: Fernando Ewerton Fernandez Junior. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo. 2016. 72 p.
- NASCIMENTO, D.; VERAS, L. Jogando contra o preconceito. 263. ed. Recife. Revista Continente. 01 de nov. de 2022. P. 1-7.
- SAVIANI, D. Escola e Democracia. 44ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2021.